

## **Solidão: uma Abordagem Interdisciplinar pela Ótica da Teologia Bíblica Reformada**

Antonio Máspoli de Araújo Gomes\*

### Resumo

O que motiva este artigo é o pouco caso com que os pesquisadores, filósofos, sociólogos, psicólogos e mesmo teólogos têm tratado o tema. Os textos sobre este assunto são escassos, as pesquisas rarefeitas e enviesadas. E o que é pior, despreza-se totalmente o que a Bíblia tem a dizer sobre esse fenômeno tão arcaico e, por isso mesmo, tão universalmente humano. Depois de uma breve compilação das principais teses no campo, este artigo pretende esclarecer o fenômeno do ponto de vista da teologia reformada, particularmente, da queda e da redenção.

### Palavras-chave

Solidão, psicologia social, teologia, psicanálise, filosofia.

### Introdução

A revista *Veja* (edição 1710, ano 34, n.29, de 25 de julho de 2001) dedicou a sua capa ao "fantasma da solidão", que, segundo a jornalista Aida Veiga, já está tomando proporções preocupantes: "No Brasil, 9% dos lares já são compostos de pessoas que moram sozinhas. Elas formam um mercado respeitável e se dizem felizes. Mas ninguém gosta de se imaginar solitário para sempre" (Veiga, 2001, p.102).

O número assusta, pois representa mais de vinte milhões de brasileiros. No entanto, este dado ainda não é assim tão alarmante, se comparado aos países do chamado primeiro mundo: 40% dos suecos moram sozinhos, bem como 36% dos dinamarqueses, 35% dos ingleses, 30% dos alemães, 30% dos franceses, 26% dos norte-americanos. A sociedade individualista ocidental tem gerado mais e mais solitários e mais e mais solidão.

A solidão, contudo, tem recebido pouca atenção dos pesquisadores, filósofos, sociólogos, psicólogos e mesmo teólogos. Os textos sobre este tema são escassos, as pesquisas rarefeitas, e os poucos que se dão conta dele acabam incorporando algum viés, seja da filosofia, seja da sociologia, seja da psicologia. Despreza-se quase sempre os ensinamentos da Bíblia Sagrada, como se a solidão fosse um mal do século XXI e não uma experiência puramente humana, que já existia desde os tempos imemoriais, como conseqüência da queda de Adão.

O objetivo deste texto é contribuir para a reflexão e a pesquisa interdisciplinar sobre a solidão, pela ótica da teologia reformada. As contribuições da filosofia, da sociologia e da psicologia foram explicitadas para efeito de informação do leitor. A teologia bíblica reformada foi intencionalmente privilegiada, se bem que é um pressuposto integrante de

todo o pensamento do autor sobre o tema (cf. Gn. 32:24).

## I. Solidão e Isolamento Social

Solidão e isolamento social não são a mesma coisa, embora apareçam às vezes inter-relacionados. Mestre Aurélio conceitua solidão como "o estado do que se encontra ou vive só" (Ferreira, 1999). No entanto, um estado psicológico tão complexo quanto a solidão não se esgota em definição tão simples.

Em termos psicológicos, uma melhor conceituação de solidão deve considerar pelo menos os seguintes aspectos: falta de significado e objetivo de vida; reação emocional; sentimento indesejado e desagradável; sentimento de isolamento e separação; deficiência nos relacionamentos e *unattachment* (Tamayo & Pinheiro, 1984). Procuraremos, agora, explicar cada um desses elementos constitutivos da definição de solidão:

- *Falta de significado e objetivo de vida:* A solidão pode produzir um sentimento de alheamento do indivíduo em relação aos demais seres humanos, levando-o a um questionamento sobre as origens e o sentimento da existência. "De onde vim?", "Para onde vou?", são perguntas que podem surgir nessas circunstâncias.
- *Reação emocional:* Geralmente, é o sentimento psicológico de isolamento que caracteriza a solidão.
- *Sentimento indesejado e desagradável:* A solidão, às vezes, pode ser acompanhada do sentimento de angústia, produzindo um sofrimento a mais naquele que está privado de relacionamentos íntimos mais duradouros.
- *Sentimento de isolamento e separação:* É a constatação psicológica do estado de solidão.
- *Deficiência nos relacionamentos:* Esta é uma das características de grande parte dos solitários, que culmina por produzir uma espécie de *feedback* em todo o processo de solidão, realimentando-o.
- *Unattachment:* Neste sentido, a solidão seria uma resposta à carência de relacionamentos sociais e afetivos.

De acordo com os apontamentos de Tamayo, o que caracteriza a solidão é o seu aspecto puramente psicológico. É o sentimento de estar só, a que se agrega a constatação da separação emocional do outro. É a falta de interação e de comunicação emocional entre um indivíduo e outro ser humano. O outro pode até estar próximo geograficamente; no entanto, a solidão impede qualquer aproximação psicológica, afetiva. Tudo isso pode ocorrer com o solitário em meio à multidão: todos estão presentes e, ao mesmo tempo, estão tão distantes, próximos e, todavia, separados. "A solidão não é a mesma coisa que

estar só. A solidão é sentir-se só" (Craig, 1980, p.29).

Já o isolamento social difere de solidão. Refere-se mais aos aspectos físicos da separação. "Significa a privação de contatos sociais" (Cabral, 1971, p.206). Dantas conceitua isolamento social, classificando-o em *isolamento social passivo* e *isolamento voluntário*.

Isolamento social *passivo* é "aquele fenômeno de privação social contínua ou variável que ocorre à revelia do sujeito, ou seja, aquelas contingências de vida ou situações sociais que determinam a um indivíduo afastar-se involuntariamente do seu contexto social" (Dantas, 1993, p.11). Caracteriza-se, geralmente, pelo caráter coercitivo e imposto pelo afastamento social.

Já o isolamento social *voluntário* é composto por "[...] aquelas formas de isolamento onde o sujeito é o elemento ativo do processo, isto é, é ele quem, espontaneamente e sem sofrer qualquer pressão externa, anseia e busca tal distanciamento do seu meio social habitual, seja por um período de tempo restrito, seja por um período prolongado" (ibidem, p.13).

Weiss (apud Craig, 1980) sugere, semelhantemente, que existem dois tipos de solidão: o isolamento *social* e o isolamento *emocional*. O primeiro é o afastamento de um determinado grupo social. O segundo, de caráter emocional, é a falta de relacionamentos afetivos satisfatórios com outra pessoa.

Kruger, por sua vez, distingue isolamento social de solidão, com base no sistema de *interação* e das *relações interpessoais do indivíduo*. Diz ele:

Na interpretação do isolamento social e solidão: o primeiro refere a experiência sentida por muitos, e objetivamente mensurável, de que são qualitativa e numericamente pobres os contatos e relações que têm com outras pessoas; a solidão, entretanto, é a dramática vivência do sentir-se sozinho, sem vínculos, sem conexão afetiva com outros, enclausurado. Esta última, em relação à primeira, é mais significativa para nós, especialmente sob a perspectiva existencial (Kruger, 1994, p.9).

Dantas estabelece algumas relações entre isolamento social e solidão. Afirma ele: "Pode haver isolamento social acompanhado do sentimento de solidão; pode haver isolamento social sem o sentimento de solidão; pode haver solidão em situação de isolamento social; pode haver solidão sem situação de isolamento" (Dantas, 1993, p.10). O isolamento é, portanto, o estar só, sem o sentimento de solidão. A solidão é o sentir-se só.

A Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, já havia registrado estas duas experiências, solidão e isolamento social, há mais de dois mil anos. Em Gênesis 32:24, quando narra a experiência de Jacó em seu encontro com Deus na Ponte de Jaboque, o que temos não é nada mais, nada menos, do que a experiência de solidão. Já quando se examina o castigo de Deus sobre o homicídio de Caim, em Gênesis 4, o que temos aí é o isolamento social.

No decorrer deste texto, estaremos examinando a solidão nas várias disciplinas das ciências humanas e procurando descobrir qual a posição da Palavra de Deus sobre este tema. Quanto ao isolamento social, nós o abordaremos como um conteúdo transversal.

## II. Solidão na filosofia

A filosofia conceitua solidão em termos filogenéticos: para o filósofo, o homem nasce ligado à natureza, é parte desta, como os outros animais. Mais tarde, por meio da ontogênese, engendra-se a humanidade. Nesse longo processo de desenvolvimento da espécie humana e do ser, ocorre, paulatinamente, a separação entre o homem e a natureza. Com o desenvolvimento da linguagem, o ser humano elabora um discurso sobre a natureza e passa a representá-la como distinta de si mesmo; neste momento, funda a humanidade e cria a solidão (cf. Lotz, 1961).

A solidão é incorporada à existência humana como um subproduto desta. O homem nasce só, sua dor e seu prazer, ele os tem no recôndito do ser. Gradualmente, vai sendo separado do produto do seu trabalho e, finalmente, morre só. Seu grande problema não é vencer a solidão, é transformá-la em aliada de sua realização pessoal. Neste sentido, Wolfe afirma que:

A plena convicção de minha vida descansa agora na crença de que a solidão não é um fenômeno insólito e consciente, próprio de mim mesmo e de outros poucos homens, mas sim o fato básico, central e inevitável da experiência humana (Apud Lotz, 1961).

Ellison (1980) afirma que a sociedade de consumo é uma das mães da solidão. O desenvolvimento científico e tecnológico, a fabricação da sociedade industrial com suas megalópoles e ênfase no ter, em detrimento do ser, vai coisificando o homem, alienando-o desta sociedade que ele próprio construiu. Este é o caso do operário humilde, que trabalha na construção de um hotel cinco estrelas e, ao terminar a obra, é impedido de nela adentrar, indo morar, no mais das vezes, num "barraco" que não oferece as mínimas condições de existência. Este operário padece de um outro tipo de solidão, que é a alienação histórica e a marginalidade social. Por irônico que seja, o operário ajuda a construir a sociedade de consumo e, em alguns meios, acaba sendo dela excluído.

A coisificação do homem, na sociedade de consumo, privilegia a manipulação maquiavélica do outro, sob a égide pragmática de que "*os fins justificam os meios*", sendo tal coisificação diretamente proporcional à sua alienação e solidão.

A falácia da interpretação filosófica sobre a solidão consiste exatamente nesta tentativa de atribuí-la ao desenvolvimento filogenético e ontogenético da humanidade e, ainda, em relacioná-la às relações do homem com o produto do seu trabalho, e a nada mais que a estes fatores. Não se pode negar que tais fatores contribuem e até produzem o sentimento de solidão, contudo, a solidão humana não pode ser atribuída apenas a causas imanentes.

A mente humana é dotada da função transcendente, a qual produz uma profunda necessidade de relacionamento com Deus; quando este relacionamento está comprometido, o homem sente-se lançado no mais profundo sentimento de abandono e solidão, como veremos logo mais ao abordarmos a solidão pela ótica da teologia reformada.

### III. Solidão na Sociologia

A sociologia encara o eu como um produto social recente, fruto do processo individual ocidental. George Simmel, Erving Goffman e Ray Holland dedicaram-se ao estudo sociológico do eu, contribuindo para uma melhor compreensão do indivíduo e de suas relações interpessoais, tomando por base o ego.

Simmel (apud Dantas, 1993) é o sociólogo mais importante na compreensão da construção social do ego e da solidão. Para ele, o ego vai sendo construído socialmente no Ocidente e encontra seu ponto máximo de expressão e diferenciação na Revolução Francesa, em 1789, com seus princípios de *Liberté, Egalité et Fraternité*. Por trás do romantismo da liberdade e da igualdade, o que existe de concreto na Revolução Francesa é a afirmação da individualização. A pretensa fraternidade será apenas um meio de se alcançar a individualidade, diz Simmel:

Assim que o ego tornou-se suficientemente fortalecido pelo sentimento de igualdade e universalidade, buscou mais uma vez a desigualdade – mas desta vez uma desigualdade determinada de dentro para fora (Apud Lotz, 1961, p.47).

A individualidade emerge da Revolução Francesa revigorada, e esta individualidade será a produtora de uma certa fragmentação da vida social, gerando a solidão, que surge até mesmo como fruto do novo sistema de relações sociais, construído com base na afirmação de personalidade individual. É Simmel mesmo quem sintetiza este pensamento. E conclui:

Portanto, todas as relações com outros são, em última instância, meras estações ao longo do caminho através do qual o ego chega a si próprio. Isto é verdadeiro, quer o ego se sinta basicamente idêntico a esses outros, porque ainda precisa de apoio desta convicção ao se ver sozinho e contando apenas com seus próprios poderes, quer seja forte o suficiente para suportar a solidão de sua própria qualidade, a multidão estando presente apenas para que cada indivíduo possa usar os outros como uma medida de sua incompatibilidade e da individualidade do seu mundo (ibidem, p.47).

Em termos sociológicos, a solidão é um subproduto da construção social do indivíduo. Ao afirmar a sua individualidade, o homem afirma também a fragmentação do universo social e o isolamento do outro. Este isolamento, porém, pode se tornar insuportável, gerando a tentativa de superá-lo, por meio da relação interpessoal. De acordo com Obendorfer: "O homem isolado se caracteriza pela incapacidade de suportar a solidão, e busca, portanto, o mundo social" (ibidem, p.148).

Do ponto de vista sociológico, a solidão é, assim, o resultado da produção social de um homem "egocentrado", individualista, narcisista. Em certo sentido, esta explicação aproxima-se da compreensão bíblica reformada sobre a solidão, que postula este sentimento como subproduto da queda de Adão e, conseqüentemente, do pecado.

Esta aproximação entre a abordagem sociológica e a bíblica sobre a solidão produz entre estas, no entanto, mais distanciamento do que proximidade. Enquanto a sociedade reforça o sentimento de egocentrismo, de individualismo do ser humano em todas as suas nuances, e a sociologia considera este comportamento como um fato social natural, a teologia bíblica reformada condena esta conduta e aponta para o caminho de reaproximação do homem com Deus, consigo mesmo e com o próximo. O exercício do amor a Deus, do amor a si mesmo e, especialmente, do amor ao próximo é um exemplo cabal desta afirmação (vide Rm 13:9-1-10).

#### IV. Solidão na psicologia

##### **IV.I.Solidão na Psicanálise**

O termo "solidão" não aparece na obra de Freud, que preferiu o termo "isolamento" para

se referir aos estados psicológicos semelhantes ao isolamento social voluntário e à solidão. Na psicanálise, o isolamento é considerado como um mecanismo de defesa, sobretudo típico da neurose obsessiva:

Contra o sofrimento que pode advir-se dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através deste método é, como vemos, a felicidade da quietude (Freud, 1980, p.96).

Com base na conceituação de solidão como mecanismo de defesa, a psicanálise vai estabelecer dois cursos para o desenvolvimento desta: o primeiro seria a *solidão como defesa neurótica* e, o segundo, a *solidão como sublimação*. Como defesa neurótica, a solidão aparece tanto na neurose obsessiva quanto na fobia, alcançando seu ponto culminante na psicose, quando a fragmentação do eu é tamanha que o indivíduo perde quase completamente o contato com a realidade (Fenichel, 1981). A psicose é a condição de uma solidão total, de um isolamento quase total.

A solidão neurótica é a principal fonte de ansiedade. Neste sentido, Fromm defende que:

A experiência da separação desperta ansiedade; é, de fato, a fonte de toda a ansiedade. Ser separado significa ser cortado, sem qualquer capacidade de usar poderes humanos. Eis porque ser separado é o mesmo que ser desamparado, incapaz de apreender o mundo, as coisas e as pessoas, de modo ativo; significa que o mundo nos pode invadir sem que tenhamos condições de reagir (Fromm, 1976, p.28).

Jung aponta para a *transferência*, possibilitada pelo método psicanalítico de livre associação verbal, como um caminho possível à superação da solidão neurótica. A própria neurose atua com intuito de separar o neurótico da comunidade dos homens, na medida em que este se sente culpado não apenas pelos fatores etiológicos da sua neurose, mas também pela sua neurose, e esta culpa lança-o na angústia, no sofrimento e no isolamento atroz. A confissão psicanalítica funcionaria como a porta de entrada do neurótico na comunidade dos homens, da qual está isolado, e o analista será o primeiro elo da nova teia de relações que o neurótico irá construir.

Por meio da sublimação, que é "o processo postulado por Freud para explicar as atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontram seu elemento propulsor na força da pulsão sexual" (Laplanche & Pontalis, 1986, p.638), o indivíduo desloca a sua libido e reorganiza os objetos da sua pulsão. Neste processo, a solidão voluntária, produtiva, pode ser um dos resultados da sublimação.

Desta forma, o isolamento social voluntário, destinado à produção artística e/ou científica, é possibilitado, segundo Freud, à constituição psíquica do sujeito, assim como à sua capacidade de sublimação pulsional (Dantas, 1993, p.60).

Tanto para Freud quanto para Jung, a solidão ou o isolamento social encontram-se intimamente ligados às doenças mentais, isto é, aos sintomas neuróticos e psicóticos. Somente nos indivíduos mais saudáveis, do ponto de vista psicanalítico, é que é possível a solidão, como conseqüência da sublimação. Neste último caso, estaríamos diante de uma solidão normal e produtiva, no aspecto cultural; seria uma forma saudável de lidar com a ansiedade de castração e de separação.

As críticas da teologia bíblica reformada acerca das explicações da filosofia e da sociologia sobre a solidão são válidas também para a tentativa de compreensão da solidão por parte da psicanálise, acrescentando-se a estas as limitações da teoria psicanalítica, por ser profundamente reducionista: todos os comportamentos humanos são reduzidos e explicados com base no impulso sexual. Além disso, há o fato da psicanálise ter-se dedicado aos estudos dos comportamentos ditos anormais e desviantes, como demonstra o próprio Freud em carta enviada ao pastor reformado Pfister, na qual afirma que a psicanálise trata dos anormais e os pastores dedicam-se a cuidar dos normais (*ad tempora*). Acreditamos que não devemos ir nem tanto ao mar, nem tanto à terra, já que existem normais e anormais nos dois extremos da experiência humana.

Outro fator negativo da explicação psicanalítica sobre a solidão é que esta desconhece a espiritualidade humana. Seu fracasso na tentativa de exercer esta espiritualidade num relacionamento profundo com Deus, por intermédio de Jesus Cristo, pode ser a causa de vários casos concretos da vivência da solidão. Considerando este aspecto, a explicação da teologia bíblica reformada torna-se certamente ainda mais consistente.

#### **IV.II Solidão na Psicologia Social**

O interesse da psicologia social pela solidão é bastante antigo. Desde a obra de Gustave Le Bon, a psicologia das massas volta-se para estudar a influência exercida pela multidão sobre o comportamento do indivíduo. Segundo Le Bon (1920), o indivíduo isolado é sempre reconhecido como ele é. No entanto, se este mesmo indivíduo for inserido numa multidão, as características psicológicas individuais desaparecem e o grupo adquire características particulares, como resultado da totalidade dos traços psicológicos dos seus componentes.

Já Hill (1956) chama o processo de influência exercida pelo grupo sobre o indivíduo de *Master Mind*, isto é, no grupo existe a fusão dos processos mentais e psicológicos do indivíduo, produzindo uma mente autônoma, a mente do grupo, que não pertence a nenhum indivíduo determinado que a componha, mas que, ao mesmo tempo, pertence a todos. Nisto Hill concorda inteiramente com Kurt Lewin.

Baseados no pensamento de Le Bon e Hill, podemos afirmar que as principais características de um indivíduo num grupo são as seguintes (Hill, 1956):

- Num grupo, o indivíduo sofre uma espécie de fusão mental com os demais membros, adquirindo um sentimento de onipotência que facilita a manifestação dos instintos que foram reprimidos pela cultura. O grupo age como um ser autodeterminado, com características psicológicas específicas;
- Num grupo, todos os sentimentos são compartilhados ao mesmo tempo por todos os membros que o compõem, o que provoca uma força grupal contagiante sobre o indivíduo;
- Num grupo, torna-se mais difícil para o indivíduo exercer um controle consciente sobre os seus atos, ficando, no mais das vezes, à mercê da força de coesão grupal e de sua direção.

As pesquisas mais recentes sobre isolamento social e solidão, em psicologia social, se referem a *situações artificiais* de isolamento. A mais importante dessas experiências foi realizada por Jeff, que decidiu criar para si uma situação de isolamento social, permanecendo sozinho numa pequena cabana no meio de uma floresta.

De início, Jeff sentia-se até bastante contente e passeava explorando o seu novo ambiente. No entanto, após uma semana, aproximadamente, as coisas começaram a mudar, e ele passou a ser tomado de angústia e medo, fazendo a si mesmo perguntas inquietantes, tais como: "E se algo acontecer comigo? Quem vai ficar sabendo? Quem poderá ouvir meus gritos de ajuda?". Para amenizar este estado de angústia, Jeff rompeu seu isolamento voluntário e resolveu visitar as cabanas que existiam na floresta onde se encontrava, resolvendo, em seguida, voltar para o convívio dos seus (Raven & Rubin apud Dantas, 1993).

Novas circunstâncias, como o aumento da expectativa de vida, o divórcio, a alta densidade demográfica das grandes cidades, elevando o número de pessoas que vivem sozinhas, têm levado os psicólogos sociais a se voltarem para o fenômeno da solidão e até mesmo a construir escalas, as quais procuram medir este comportamento.

A Escala de Dean é um exemplo. Dividida em três partes, é uma medida sobre alienação. Um de seus componentes refere-se ao isolamento social, que representa nove itens na escala final. Os itens são apresentados no formato Likert, que correspondem a ordens alternativas de *quatro* (fortemente acomodado, ajustado, adaptado) a *zero* (fortemente desajustado, inadaptado); cinco desses itens são *reverse-scored*. E os escores dessa escala podem variar de *zero*, o mais baixo grau de isolamento da escala, até *trinta e seis*, o mais alto grau de isolamento social (apud Dantas, 1993).

As pesquisas sobre solidão, no Brasil, foram iniciadas com validação da *Revised Ucla Loneliness*, que passou a ser denominada de "Escala Ucla de Solidão" (Russel, Peplau & Cutrona, 1980).

Tamayo & Pinheiro produziram um artigo em que procuram situar e definir o estudo da solidão na psicologia social, no qual formularam uma proposta de definição para solidão, resumida a seguir:

[...] com base na literatura consultada sobre a solidão, propõe-se a seguinte definição para o termo, consideradas as suas dimensões: solidão é uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento (1984, p.35).

Em outro artigo, esses mesmos autores procuram estudar a relação existente entre sexo e solidão, do ponto de vista teórico e empírico. Após estudarem as obras de Gordon, Sadler, bem como as pesquisas realizadas por Russel, Peplau e Cutrona, além do trabalho de Portnoff, concluíram que não existe uma relação significativa entre as variáveis de gênero e a solidão:

Diante desta análise encerrada, fica evidenciado que a relação entre sexo e solidão permanece problemática, tanto no plano racional como no empírico, embora os resultados, que não apontam diferenças sexuais significativas, pareçam mais consistentes (Tamayo & Pinheiro, 1985a, p.63).

A psicologia social parece mais preocupada em mensurar o isolamento social do que em



estudar a solidão, que é um fenômeno psicológico bem mais complexo e de causas multivariadas. Podemos esperar, no entanto, com o avanço da própria solidão na sociedade contemporânea, que este tópico venha a ser objeto de estudo de outros psicólogos sociais, para que se aprofunde a compreensão da solidão e do sentido desta teia de relações interpessoais.

Assim, a psicologia social ainda está engatinhando no estudo deste tema, que permanece um tabu entre os psicólogos, se bem que esconda, no mais das vezes, um sofrimento humano profundo. É o que testemunha este exemplo: há cerca de dois anos, foi inaugurado um *flat*, um destes hotéis para pessoas que moram sozinhas, no bairro de Higienópolis, na cidade de São Paulo. Já ocorreram dois suicídios entre seus moradores.

O que a psicologia social não afirma é que a solidão também esconde uma profunda incapacidade de lidar com a vida, com o outro, consigo mesmo, por parte do solitário, nesta teia de relações que é a existência, sem a qual a vida humana não encontra o seu sentido. Sem uma compreensão bíblica reformada dos aspectos espirituais, que são escamoteados pelo manto da solidão, fica difícil e limitada a compreensão deste fenômeno.

#### V. Solidão pela Ótica da Teologia Reformada

Eis que vem a hora, e já chegou, em que sereis dispersos, cada um para a sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo (*João 16:32*).

Pela ótica da teologia bíblica reformada, as explicações da filosofia, da sociologia, da psicanálise e mesmo da psicologia social não são suficientes para explicar o fenômeno da solidão, bem como do isolamento social. Tomando as contribuições dessas disciplinas como incompletas, e apenas como um ponto de partida para a compreensão desta condição humana, buscaremos na teologia bíblica reformada a abordagem adequada para sua compreensão.

Inicialmente, não se pode afirmar que a solidão seja apenas um fenômeno puramente psicológico. É forçoso declarar que esse estado tem implicações espirituais profundas. Quanto ao isolamento social, a questão da espiritualidade também está presente, como pode ser depreendido da experiência dos pais da Igreja.

A solidão como condição humana era desconhecida do primeiro de todos os homens, Adão, antes de Gênesis 3, isto é, antes da queda que resultou na depravação total da natureza humana, como afirma João Calvino nas *Institutas da Religião Cristã* (cf. Calvino, 1967), com fundamento em farta literatura da patrística e na literatura paulina. Adão experimentava a mais completa comunhão com o Criador, com a natureza, com ele mesmo e com o próximo, no caso, Eva. A depravação total da natureza humana pode ser compreendida pela verificação dos seguintes textos, dentre outros: *Romanos* (do capítulo 1 ao capítulo 7) e *Salmos* (32 e 51), para citar somente alguns textos bíblicos abaladores do tema.

Baseados na leitura deste paço das Sagradas Escrituras, podemos afirmar que a queda do primeiro homem não abalou apenas o seu espírito, como querem acreditar alguns; estremeceu também as fundações da sua mente, produzindo aquilo que podemos chamar de *estados alterados da consciência*. A queda produziu tanto a morte espiritual de Adão quanto uma profunda modificação em sua consciência de Deus, da natureza, de si mesmo

e do próximo.

Nos primeiros versículos de Gênesis 3 afirma-se claramente que a digestão e posse do fruto do conhecimento do bem e do mal produziram uma alteração em sua consciência, em relação à posse e domínio do conhecimento. Não que ele não fosse dotado da habilidade da inteligência, da memória e da cognição antes da queda. Em Gênesis 2:19, Adão foi designado por Deus para nomear todos os seres vivos da natureza. Dar nome a um ser é algo que envolve todas as funções mentais e perceptivas. E, segundo o relato bíblico, Adão saiu-se muito bem em sua tarefa. Após a queda, no entanto, não só seu *espírito* morreu pela sua desobediência a Deus, como a sua *mente* também ficou abalada, a ponto dele experimentar, pela primeira vez, a vergonha e o medo (vide Gen. 3:8-10).

A queda alterou a forma como Adão passou a apreender a experiência do conhecimento, do autoconhecimento e do "heteroconhecimento"; modificou ainda a qualidade deste conhecimento, daí a revelação natural prefigurada no Salmo 19 não ter em si mesma a suficiência para que o homem conheça a natureza de Deus e da sua salvação, tornando necessária a concorrência da providência divina, da revelação especial, que é um registro seletivo dos atos de Deus na história. Este registro encontra-se apenas nas Escrituras do Velho e do Novo Testamento, na Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, nossa única regra de fé e prática.

A queda abalou também a *inteligência emocional* de Adão, isto é, suas habilidades para o desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais. Conforme o relato de Gênesis 2, Adão não demonstrava, antes da queda, nenhuma dificuldade de relacionamento com Deus, consigo mesmo e com o próximo. Contudo, já o relato de Gênesis 3:10-15, do pós-queda, demonstra que ele já havia comprometido tais habilidades.

Tal comprometimento da inteligência emocional e espiritual de Adão se refletirá não apenas em seus relacionamentos pessoais, que estarão todos comprometidos pelo pecado; ele se refletirá sobretudo nas relações da sua descendência entre si, como demonstram as atitudes de Caim para consigo mesmo e para com seu irmão Abel, que resultou no fratricídio, nos arquétipos dos crimes hediondos. Especialmente no relato de Gênesis 4:1-7, Caim mostra não estar apto para lidar com seus próprios desejos e emoções e, menos ainda, com os desejos e emoções de seu irmão Abel.

Voltando ao tema, o texto de Gênesis 3:22-24 demonstra claramente que a queda rompeu a comunhão existente entre Deus e o Homem, lançando o último num profundo estado de solidão. Além da consideração espaço-temporal da expulsão da primeira família do paraíso, deve-se considerar também o conteúdo simbólico deste ato divino. Adão agora estava no mundo sem Deus e sem ninguém, literalmente sem pai nem mãe, sem alguém com quem pudesse contar e compartilhar.

Neste sentido, a teologia bíblica reformada afirma que a solidão é o estado alterado da consciência produzido pela queda; este estado teve profundas conseqüências sobre as habilidades relacionais do ser humano, que passou, em alguns casos, a fugir até mesmo da comunhão com o outro, segundo o relato de Gênesis 3:9-10. Adão não apenas foge da presença de Deus, como também passa a temer profundamente esta presença. O outro torna-se um outro *estranho*, aquele que se deve temer, que se deve evitar, de quem se deve fugir.

O homem havia perdido as habilidades para desenvolver a relação pessoal com Deus, com a natureza, consigo mesmo e com o próximo. O solitário sente-se, em alguns casos,

um abandonado de Deus, como se Deus houvesse se esquecido dele; além disso, desenvolve muitas vezes um temível sentimento de estranhamento diante de si mesmo, diante da sua própria imagem, da imagem do outro e da natureza, com freqüência nem sequer sabendo quem ele mesmo é. Este sentimento de estranhamento o leva a fugir do contato com Deus e com o próximo. O produto de um tal comportamento é o sentimento de solidão, que independe até mesmo da presença do outro. Solidão é sentir-se só, mesmo estando com alguém.

A solidão acomete homens e mulheres, jovens e crianças, independente de sexo, cor, raça, nível socioeconômico e até da religião. O solitário sente-se em estado de profundo desamparo, ainda que esteja ao lado de um cônjuge atencioso, de um amigo fiel, de um irmão amoroso, ou diante de uma comunidade evangélica dinâmica. Aquele que vivencia a experiência da solidão sente mesmo dificuldade de sentir-se participante da Igreja, corpo vivo de Cristo. O relacionamento com o outro é percebido como distante. Os fatos acontecem à sua volta, no entanto, jamais chegam a atingir o seu coração. A solidão entristece, fragiliza e desumaniza o ser humano.

Como romper com os grilhões da solidão? Esta é uma pergunta que não pode ser calada. Do ponto de vista da teologia bíblica reformada, somente o novo nascimento proposto em João 1:12-13 produz o estado de adoção de filhos legítimos de Deus, mediante a obra vicária de Jesus Cristo, cumprindo a promessa de Romanos 8:15-17. Este novo nascimento restaura a comunhão com Deus, a comunhão com Deus restabelece a comunhão do homem com o seu próprio coração e o resultado desses fatores pode ser a comunhão com o próximo.

A obra do Espírito Santo no coração do cristão restaura suas habilidades relacionais com Deus, como proposto em II Coríntios 5:18-21, consigo mesmo (Rm. 8:26-30, II Cor. 3:18), rompendo com o sentimento de estranhamento (Rm. 7:24), até culminar com o restabelecimento de suas relações com a natureza e com o próximo: "Deus faz que o solitário habite em família" (Salmo 68:6).

A solidão se estabelece como um hábito, uma atitude, e uma vez estabelecida será necessário um esforço da parte do novo convertido e mesmo do cristão experiente para superá-lo. Às vezes, é muito difícil vencer o hábito da solidão, ou mesmo superar o sentimento de estar só, que pode ser apenas a memória desta sensação. Mas a *Bíblia Sagrada*, a Palavra de Deus, nos ensina a utilizar a solidão para produzir algo positivo.

A solidão pode ser uma grande oportunidade para ficarmos a sós com Deus e recebermos aquela bênção especial que o Senhor pode dar, como podemos ver: "E ficando ele só..." (Gênesis 32:24). Note que Deus apareceu a Jacó num momento em que ele sente grande aflição, quando todos o haviam abandonado e ele se encontrava solitário. A experiência de Elias (vide I Rs. 19:1-19.) é semelhante a esta; quando Deus vem até Elias para confortá-lo, ele estava absolutamente só, encavernado, deprimido, desanimado. O mesmo se aplica a Moisés, no Monte Sinai; a Davi, no Vale da Sombra da Morte; a Paulo, em Roma; a João, na Ilha de Patmos; e a Cristo Jesus, quando este se preparava para o Gólgota.

A solidão pode ser um momento para o exercício da vida devocional, um momento especialmente voltado para a oração, leitura e reflexão da Palavra de Deus (vide Mt. 6:5-14), e, neste sentido, a prática do exercício devocional leva ao crescimento espiritual, ao amadurecimento na fé.

Grandes artistas plásticos, escritores, escultores, músicos, pesquisadores, homens e mulheres de grandes realizações sempre foram aqueles que souberam tirar proveito da solidão, que não mergulharam nem se entregaram aos sentimentos destrutivos de autocomiseração. Neste sentido, Watchman Nee escreveu: "O Santo caminha sozinho". O autor deste texto acrescentaria a isso que o santo caminha sozinho pelo caminho de Cristo, pisando em suas pegadas. Todo cristão deve passar, porém, por este caminho, um de cada vez, andando com seus próprios pés, sozinho (vide I Ped. 2:21). Assim, a solidão pode ser produtiva.

Já o isolamento social é diferente da solidão. Ocorre quando surge uma solução de continuidade no percurso da existência humana, quando alguém perde o amor da sua vida, quando permanece um longo tempo num leito de enfermidade, quando viaja, quando perde um ser querido, quando escolhe permanecer solteiro, ou mesmo quando tem de passar algum tempo em prisão ou precisa realizar uma grande obra. Neste caso, o isolado socialmente pode não ser acometido pelo sentimento de solidão.

Enquanto a solidão é espiritual e psicológica, o isolamento social é somente físico.

Não é incomum a existência, na história, de certos santos que *optaram* pelo isolamento social. Isto ocorreu de forma explícita durante o período do monasticismo. No caso do protestantismo reformado, a questão é mais complexa, já que o calvinismo desconhece o monasticismo e o santo é desafiado, a cada dia, a viver e testemunhar da sua fé ao mundo, no espírito de João 17.

Esta reflexão poderia ser encerrada, afirmando-se que o monastério do protestante calvinista está *nele mesmo*, uma vez que ele "é o templo do espírito santo". Acontece que isolamento social também pode ser produtivo, sobretudo se puder ser planejado. O certo é que pouco se produz em meio à multidão; aquele que tem um milhão de amigos pode não dispor de tempo necessário para dedicar-se carinhosamente a todos eles. E se tentar atender a todos, pode não dispor de tempo para dedicar-se a Deus e ao cuidado de si mesmo.

Conclusão

Deus faz que o solitário habite em família (Salmo 68:6).

O estudo da solidão demonstra o quanto o outro é importante na existência social do sujeito e em sua humanidade, pois a solidão o pressupõe e o valoriza pela sua ausência social ou psicológica.

A simples presença dos outros não é suficiente para eliminar o sentimento de solidão. Frequentemente, os mais intensos sentimentos de solidão surgem quando o indivíduo está, precisamente, entre os outros na "multidão solitária" (Krech & Krutchfield, 1976, p.298).

Como vimos anteriormente, solidão e isolamento social não são sinônimos. O isolamento social pode envolver apenas o aspecto físico e geográfico da separação do outro, ao passo que a solidão é mais que isso, pois pressupõe o isolamento psicológico. Em alguns casos, o isolamento social pode produzir a solidão; em outros, a solidão ocorre sem o

isolamento. Isolamento social é estar só; solidão é sentir-se só.

Os estudos da solidão, porém, na filosofia, na sociologia, na psicanálise ou mesmo na psicologia social ainda não são conclusivos. Podem ser considerados apenas caminhos para se chegar ao mundo só e seu. O estudo da solidão, na perspectiva da interação social, pode ser uma via de acesso a esta experiência humana, porque, tanto no isolamento social quanto na solidão, o outro continua presente, dando sentido à solidão neurótica, vagando fantasmagoricamente na consciência alterada do psicótico ou habitando a arte e a cultura do sublimado.

A abordagem multidisciplinar da solidão amplia as chances de compreendê-la, pois, em sua etimologia, encontramos o sentido de separação da natureza, a necessidade de afirmar o ego ou a individualidade, a defesa contra o outro e a sua realidade, além da experiência primordial da separação, como a que envolve o bebê que foi separado da mãe pelo corte do cordão umbilical. Esta abordagem fica prejudicada, contudo, se não for confrontada com a perspectiva da teologia bíblica reformada.

A abordagem das ciências humanas costuma privilegiar os aspectos puramente imanentes dos problemas humanos, desconsiderando as relações do homem com o transcendente. Este modo de encarar os problemas humanos reduz e limita a sua compreensão, já que passa a considerar o homem como uma máquina dotada de autonomia e que carrega em si mesmo as virtudes para a sua redenção e os males para a sua destruição.

A verdade da teologia bíblica reformada busca, por sua vez, inserir a humanidade no contexto de suas relações com Deus, o que amplia o espectro da compreensão dos problemas humanos e até mesmo aumenta consideravelmente as chances para a solução de alguns. Se é verdade que pela doutrina da depravação total do homem podemos afirmar que ele carrega em si mesmo tudo o que precisa para a sua completa destruição, não se pode afirmar, em contrapartida, que o ser humano carrega em si mesmo as virtudes necessárias para a sua completa redenção. Daí podermos afirmar que o homem carece de Deus, de Jesus Cristo, não só para a sua redenção eterna, mas mesmo para enfrentar as condições limitadas de sua existência cotidiana.

É comum ouvirmos o solitário cristão afirmar: "*Não estou só, Jesus está comigo*". Esta afirmação não é nenhum exercício de mera retórica. O cristão experimenta a presença de Deus pela presença consoladora do Espírito Santo, que aplica nele a obra de Cristo. Cristo o coloca no seio da comunhão com o Pai e este o reporta à comunhão com seus filhos, à sua Igreja.

Porque se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ao morramos, somos do Senhor (Romanos 14:7-8).

#### Referências

ANDERSON, Willian K. et al. *Espírito e mensagem do protestantismo*. Trad. Nicodemus Nunes. São Paulo: Publicação da Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1953.

AUGRAS, Monique. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

BERGER, Peter, LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

CABRAL, A. *Dicionário de psicologia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971.

CALVINO, J. *Institución de la religion cristiana*. Trad. e publ. Cipriano de Valera. Ed. rev. Países Baixos: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1967. v.1 e 2.

CARDOSO FILHO, Antonio. Prática analítica: lugar e solidão. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v. 7 e 8, 1989.

DANTAS, Marília Antunes. *Isolamento social voluntário e processos criativos*. Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, 1993. (Dissertação de mestrado).

ELLISON, C. W. *Solidão, uma doença psicológica*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo: Atheneu, 1981.

FERREIRA, Sérgio A. B. de Holanda. *Novo Aurélio – Séc XXI*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 21.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

HILL, Napoleon . *A lei do triunfo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

HOLLAND, Ray. *Eu e o contexto social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

JAMES, Willian. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

JUNG, C. G. A prática da psicoterapia. In: *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1957. v. 16.

KRUGER, Helmuth. *Aspectos psicossociais da erontologia de intervenção*. In: Seminário de Educação, Prevenção e Gerontologia, 1994, Rio de Janeiro. Anais. Delegacia Estadual do Ministério da Educação e Desportos do Rio de Janeiro, 1994.

KRECH, David, KRUTCHFIELD, Richard. *Elementos de psicologia*. São Paulo: Pioneira, 1974.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LE BON, Gustave. *La psychology des foules*. Paris: Gallimard, 1920.

\_\_\_\_\_. *Psicologia das multidões*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1954.

\_\_\_\_\_. El temor a las multitudes. In: MOSCOVICI, Serge. *La Era de las multitudes: um tratado histórico de psicologia de las masas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

LOTZ, Johannes. *De la soledad del hombre: a proposito de la situación espiritual de la era técnica*. Barcelona: Briel, 1961.

MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1979.

MOSCOVICI, Serge de. *La era de las multitudes: um tratado histórico de psicologia de las masas*. Trad. Aurélio Garzón Del Camino. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

RUSSELL, D., FERGUSON, M. L. Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment*, 1978, v. 57.

RUSSELL, D., PEPLAU, L. A., CUTRONA, C. E. The Revised Ucla Loneliness Scale: concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1980, v. 59.

SIMMEL, G. *Freedom and individual*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

TAMAYO, Álvaro, PINHEIRO, Angela de Alencar Araripe. Conceituação e definição de solidão. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, v.2, 1984.

\_\_\_\_\_. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1985a.

\_\_\_\_\_. Sexo e Solidão: uma revisão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 4, n.85, 1985b.

\_\_\_\_\_. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Trad. Waldemar Boff. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

VEIGA, Aida O fantasma da solidão. *Revista Veja*, São Paulo, ed. 1710, ano 34, n.29, 25 jul. 2001.

WEISS, R. *Loneliness: the Experience of Emotional and Social Isolation*. Cambridge: MIT Press, 1973.

WOLFE, Thomas. *The Story of a Novel*. Nova York: C. Scribner's Sons, 1936.

OBERNDORFER, D. Von der Eiskheit des Menschen in Der Modernem Amerika. Nichem Geseilscha, Friburgo: 1958. In: TOLZ, J. *De la soledad del hombre*. Barcelona:

Ediciones Eskiel, 1961.

\_\_\_\_\_. The phenomenon of social representations. In: FARR, R. M., MOSCOVICI, S. *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. Note towards a description of social representations. In: *European Journal of social Psychology*, 1988.

\_\_\_\_\_. Dès représentations collectives aux représentations sociales. In: JODELET, Denise. *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

\* Doutor em Ciências da Religião pela Umes, diretor do CPPGAJ e fundador da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pastor presbiteriano há vinte anos. Membro do Gipesp - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Sociologia do Protestantismo, vinculado à Umesp, à Fapesp e ao CNPq.